

Representação do sertão nordestino na literatura

Representation of the northeast sertão in literature

Nadja Silva Brasil Santosⁱ
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: O sertão nordestino é geralmente associado as condições socioespaciais negativas como miséria, pobreza, terra árida, seca, com sertanejos em busca do gado pela caatinga e jagunços. Por norma, é essa, também, a representação dele nas obras literárias brasileiras que abordam o tema. A partir dessa premissa, busca-se compreender essas representações em torno do sertão brasileiro a partir de discussões e conceitos sociogeográficos e políticos, estabelecendo um ponto de intersecção com a literatura brasileira, em especial, com a obra, *Os sertões*, de Euclides da Cunha (2000). Para tanto, teremos como suporte teórico Antonio Candido (2006), Albuquerque Júnior (2013) e Gilberto Freyre (2004–2013).

Palavras-Chave: Representação; sertão; literatura.

Abstract: The northeastern hinterland is generally associated with negative socio-spatial conditions such as misery, poverty, arid, dry land, with country people in search of cattle in the caatinga and jagunços. As a rule, this is also how it is represented in Brazilian literary works that address the topic. Based on this premise, we seek to understand these representations around the Brazilian hinterland based on discussions and socio-geographical and political concepts, establishing a point of intersection with Brazilian literature, in particular, with the work, *Os sertões*, by Euclides da Cunha (2000). To do so, we will have as theoretical support Antonio Candido (2006), Albuquerque Júnior (2013) and Gilberto Freyre (2004–2013).

Keywords: Representation; sertão; literature.

Trilhando o sertão nordestino

[...] a literatura é caminho, e dos mais sedutores, para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la (MOTA, 1961, p. 93).

O sertão nordestino brasileiro quase sempre é rotulado e associado a condições negativas, como miséria, morte, espaço de angústia humana, subdesenvolvimento e atraso socioeconômico. Durante toda a sua história, foi marcado por fortes aceções e imaginações, alçadas pelo entrelaçamento de múltiplos discursos políticos, socioeconômicos, memoriais, religiosos e/ou culturais.

Acredita-se que esse entrelaçamento auxiliou na concepção das representações que impulsionaram e eternizaram o imaginário sobre a região Nordeste. Desse modo, inúmeras imagens, como alguns misticismos, a seca e o fenômeno do jagunço, foram difundidas sobre esse cenário por muito tempo, especialmente no final do século XIX até meados do século XX.

O cenário das consecutivas secas que atingiram o Nordeste brasileiro está presente nas muitas narrativas literárias, acendendo um debate através das suas representações, partindo do fenômeno natural que, normalmente, deixa marcas na geografia e caracteriza o semiárido nordestino, perante a escassez de chuvas, impactando na rotina do seu povo.

Nessa perspectiva, busca-se compreender essas representações em volta do sertão nordestino brasileiro por meio de discussões e conceitos sociogeográficos e políticos, estabelecendo um ponto de intersecção com a literatura brasileira, em especial, com a obra, *Os sertões*, de Euclides da Cunha (2000). Para tanto, teremos como suporte teórico Antonio Candido (2006), Albuquerque Júnior (2013) e Gilberto Freyre (2004–2013) que corroborarão a análise feita.

A região Nordeste tem múltiplas peculiaridades. Inicialmente, destaca-se o fato de ter sido a região colonizada mais antiga do país, sendo povoada pelos portugueses desde o advento do descobrimento. Outra característica bem específica dessa região é sobre o clima, pois em função da presença de solos rasos e pobres, diversos estados apresentam o clima semiárido, sofrendo com a seca de alguns rios, além de cidades completas padecerem com períodos prolongados de estiagem.

A origem da palavra “sertão” é discutível, porém uma versão muito acolhida confere a palavra **sertão** ao étimo latino *desertanu*, usado para designar regiões interioranas, distantes do litoral e que, tempos depois, foi modificado para “**desertão**” e, em seguida, somente **sertão**. Independente da sua procedência, o fato é que o termo “sertão” pode assumir definições bem distintas, todavia é sempre empregado para indicar lugares pouco habitados ou onde prevalecem culturas antigas em contraposição às regiões desenvolvidas.

O termo **sertão**, desde o período colonial, foi empregado como designação das regiões afastadas do mar, portanto, tal acepção sempre teve uma relação com o espaço geográfico. Não é fácil conceituar o vocábulo sertão, já que este pode ser tomado por inúmeros contextos e disciplinas, criando diversas conotações. São díspares aspectos de análise e cada uma confere definições segundo seus objetos e necessidades de estudos.

Freyre (2004) já alertava concernente à representação do sertão nordestino e da existência de dois Nordeste.

A palavra “nordeste” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer: “obras contra as secas”. E quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol (FREYRE, 2004, p. 45).

Conforme Freyre, há que se considerar a existência de dois Nordeste. Um deles evoca a morte e o contorno trágico. É o Nordeste seco, de sertões de areia seca debaixo dos pés e de paisagens duras. O outro, é úmido, litorâneo, belo, com o qual, o autor diz ter desenvolvido uma relação de intensa intimidade. Portanto, ele recusa apenas uma única representação de deserto. Segundo Freyre, o sertão, além disso, é ainda um espaço de fartura e de águas abundantes.

O Nordeste da seca rigorosa, dos retirantes, da violência e do misticismo é diferente daquele ao qual Freyre se reporta tanto em suas obras. O Nordeste difundido por Freyre tem um misto de orgulho e dor, sendo muito diferente do de Canudos. Entretanto, não se pode afirmar que ele desconhecesse o “outro Nordeste”,

Aliás há mais de dois Nordeste e não um, muito menos o Norte maciço e único de que se fala tanto no Sul com exagero de simplificação. As especializações regionais de vida, de cultura e de tipo físico no Brasil estão ainda por ser traçadas debaixo de um critério rigoroso de ecologia ou de sociologia regional, que corrija tais exageros e mostre que dentro da unidade essencial, que nos une, há diferenças às vezes profundas (FREYRE, 2013, p.40).

Diante dessa assertiva, torna-se salutar investigar, portanto, quando e de que maneira o imaginário sobre o que é sertão o transforma nessa paisagem semiárida, hostil, com o sol inclemente, envolto com o que se estabeleceu ser o Nordeste.

Ainda sobre a concepção do que é sertão, Boaventura (2002) afirma que este detém um amplo espaço no imaginário brasileiro, entretanto, sem uma imagem terminante que, transitando entre a ignorância e a cultura, entre o arcaico e o moderno, entre a ruína e a esperança, reside as construções de muitos de nossos intelectuais e artistas, que evidenciam um desconforto diante do sertão. Tal ambiguidade é fomentada pelo desejo de interpretar o sertão mediante uma perspectiva litorânea, incapaz de abarcar sua alteridade e complexidade.

O Nordeste, como afirmou Albuquerque Júnior (2013), está longe de ficar apenas na geofísica e política dessa região do Brasil, é analisado como um espaço que foi e é constantemente inventado, ou seja, que “não é recortado só como unidade econômica, política ou geográfica, mas, primordialmente, como um campo de estudos e produção cultural, baseado numa “pseudounidade” cultural, geográfica e étnica” (ALBUQUERQUE JR., p. 23).

A discussão sobre o sertão nordestino se valerá da literatura, com o propósito de buscar compreender, pelas formas das quais o sertão é falado, imaginado, construído e idealizado, o espaço geográfico além dos conceitos clássicos.

Assim sendo, muitas são as obras literárias que representam o sertão nordestino e estas, de certa forma, são responsáveis por estabelecerem a disseminação das representações sobre esse cenário. Portanto, será adotado o romance *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como apoio para experienciar a realidade física, mas também alegórica, do sertão.

2 O sertão pelo viés da literatura

Geograficamente, o sertão é a mais significativa sub-região do Nordeste, sendo também a maior das mesorregiões. Ele está situado entre o Agreste e o Meio Norte e é a região que menos chove no Brasil. Os fluxos d'água do sertão são, de regra, compostos por rios temporários (conhecidos como intermitentes) e a vegetação dominante é a caatinga. Não obstante essas características peculiares, no sertão, existem algumas extensões de terreno úmido, os conhecidos brejos. Por essa razão, tem-se, na região, determinadas áreas destinadas à agricultura.

O conceito de sertão é um dos mais complexos a se vislumbrar. Pensar o sertão é perpassar pelos principais conceitos geográficos, como paisagem, lugar, região, fronteira, território, dentre outros, mantendo-se, como ponto comum, a espacialidade intrínseca à

ideia de sertão. Assim, o debate sobre esse conceito está para além da seara geográfica, por aproximar e promover diálogos com a Geografia, a Política, a História e a Literatura, essa última, em especial, fonte do nosso interesse.

Foram exatamente essas complexas e abrangentes possibilidades de conceitos que permitiram a construção de um sertão nordestino por meio do imaginário social, com a literatura assumindo papel preponderante, como menciona Albuquerque Júnior

A invenção do nordeste, a partir da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em relação ao espaço, uma nova sensibilidade social em relação à nação, trazendo a necessidade de se pensar em questões como a da identidade nacional, da raça nacional, do caráter nacional, trazendo, ainda a necessidade de se pensar em cultura nacional, capaz de incorporar os diferentes espaços do país (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 52).

Assim, pensar o Nordeste, como escreveu Albuquerque Júnior, é analisar, para além de uma olhadela no tecido retalhado da narrativa histórica, uma gama de discursos que tentam construir e avultar, num discurso institucional e legitimador, determinadas características para essa região.

Destarte, o que pode definir uma região é a unidade das representações simbólicas ou o universo de suas significações sociais. No caso do sertão nordestino, diversas imagens deram forma à região. Essa construção é ativa e significativa, de maneira que se altera a cada transformação no imaginário dos indivíduos, legitimando sua força enquanto símbolo de representação e sua potência enquanto base do imaginário.

Segundo Moraes (2009, p.90), o sertão é habitualmente imaginado como um espaço para expansão que visa incorporar um novo espaço. Por essa razão, tal denominação, na maioria das vezes, é empregada na caracterização de espaços de soberania incerta, duvidosa ou simplesmente formal.

Ivone Cordeiro Barbosa (2000, p. 33) adverte que a “palavra sertão guarda um enorme poder de evocação de imagens, sentimentos, raciocínios e sentidos que em torno dela foram sendo construídos ao longo da experiência histórica brasileira”. Talvez por essa concepção, o sertão tornou-se um território privilegiado para se pensar o Nordeste e seu povo, destacando

suas ideias mais intensas e transportadas para as obras literárias. A autora ainda adverte que a palavra sertão é permeada por uma dimensão política e ideológica:

Pode-se perceber, assim, que desde a sua concepção mais antiga, sertão é uma palavra que carrega um profundo sentido político pois, apesar de toda a diversidade de referenciais em que se apoia, tem seu significado sempre referido a uma centralidade, que pode parecer geográfica e espacial, mas na verdade é política (BARBOSA, 2000, p. 35).

Albuquerque Júnior (2013) ressalta que o sertão não é visto como território, mas sim como um ambiente substancial, emocional e cultural onde o modo de vida é apresentado com distinções que o diferencia das demais regiões. Argumentar a respeito dessa região, logo, representa uma crítica à cultura de importação, para desfazer a ideia de que tudo que é bom deriva de fora, diminuindo a subserviência aos padrões culturais importados.

Nessa premissa, o sertão então surgiria como um espaço indissociável entre terra e indivíduo, repleto de figuras e conceitos, símbolos e liames. Tem-se, portanto, o sertão como uma terra afetada por quem a povoa, ao mesmo tempo que afeta os indivíduos que habitam o espaço.

Nessa perspectiva, as obras literárias, em suas várias possibilidades, seja social, histórica, cultural ou econômica, estabelecem relações com a vida e com outras histórias. Assim, transmitem valores e têm uma enorme relevância para a sociedade, como assevera Antônio Candido (2006, p.20) que “todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”. Ainda segundo Candido, a Literatura é:

[...] uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 2006, p.56).

Destarte, a literatura é uma forma de expressão da sociedade. Ela nos conduz a diversas reflexões, a transitar por mundos ignotos ou pouco explorados, além de auxiliar na capacidade de analisar o mundo criticamente. Ademais, a literatura também permite muitas

ideias e concede inúmeros benefícios aos leitores. Nesse sentido, o direito à literatura é uma necessidade social exatamente porque contribui para a formação dos indivíduos.

A representação do sertão na literatura brasileira é sempre marcada como um espaço singular, excêntrico, pertencente geograficamente ao país, todavia, a ele não esteve inteiramente integrado. O **sertão** representado desde o período colonial, por meio dos textos dos cronistas e dos viajantes que se ousaram por essa área do país, chegou até o limiar do período republicano. Contudo, foi no início do século XX, sobretudo depois da publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que ele passou a ser gradativamente visto não pelo viés do anômalo, do incomum, mas sim como carente das condições essenciais para sobrevivência e centro de uma “brasilidade”.

Considerando o sertão como espaço característico de vida e de costumes condicionados a fenômenos climáticos, verifica-se haver uma ampla produção que difunde o sertão para o mundo literário. Inúmeros escritores, pertencentes aos mais variados estilos de época, se interessaram por essa temática, alocando em lugar de evidência a paisagem com a qual o sertanejo convive e oferece protagonismo aos sujeitos regionais que povoam essa terra.

Destarte, por conta da inserção em uma dada esfera socioespacial, as literaturas sobre o sertão nordestino brasileiro acabam expressando pensamentos geográficos, os quais, conforme Moraes (2009), referem-se a discursos que reforçam o modo pelo qual uma determinada sociedade, muitas vezes fazendo alusão a momentos históricos específicos, é observada em seu meio e as relações determinadas com ele. Assim, sedimentam certas concepções e difundem, conforme o autor, valores — ideologias geográficas —, e produz um juízo de valor, uma espécie de “senso comum”, acerca do espaço.

Nessa perspectiva, a presença da descrição geográfica do sertão nordestino, nos romances surge na maneira como os autores apresentam as paisagens, lugares e regiões, expondo traços generalizados. Esses traços desenvolvem importantes e diversos papéis narrativos e sociais: podem, simplesmente, contextualizar uma obra no tempo e no espaço, ou promover uma série de relações que acabam por construir representações sociais que conduzem ao abalizamento de uma construção delimitada do sertão nordestino.

Cabe ressaltar, que a literatura possibilita a (trans)formação das representações sociais e regionais, as quais criam e/ou expressam visões de mundo, de espaço e tencionam materializar-se no imaginário de determinados grupos. Deste modo, o que se tem visto é que

a literatura e suas representações sobre o sertão nordestino implicam nos aspectos das condições histórico-sociais-geográficas.

Conforme Antonio Candido (2006), a literatura tem importância para o desenvolvimento de uma sociedade. Em vista disso, Candido a entende como fatos eminentemente associativos, obras e atitudes que revelam determinadas relações dos homens entre si e que, adotadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos pessoais. Ele ainda destaca a pessoalidade de toda obra, sua propriedade singular e imprescindível. Contudo, ele expõe a característica da literatura como coletiva:

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação” (CANDIDO, 2006, p. 147).

Nessa perspectiva, o vínculo entre a literatura e o sertão nordestino é quase uma dependência sociogeográfica, uma vez que existe uma fusão entre texto e contexto. Os sertões nordestinos não se conectam à literatura gratuitamente: ela deve ser considerada enquanto expressão de um pensamento geográfico, de uma ideologia geográfica, de uma leitura do espaço, abrangendo a expressão de concepções no tocante a constituição territorial brasileira.

Considerando essa relação entre literatura e sertão, tem-se, portanto, na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, a referência inicial para a Literatura Brasileira no que diz respeito ao pensamento geográfico e à representação do sertão nordestino na literatura. Nessa esfera literária, o pensamento euclidiano refletiu em diversas obras modernistas, especialmente as relacionadas ao romance social de 1930. Já no campo sociogeográfico, a divergência apontada entre litoral/sertão colaborou para a hipótese da “demora cultural”, além de denunciar as amarguras da guerra e as dificuldades enfrentadas pelos homens que viviam o interior do país, afastados, não apenas no aspecto espacial, mas principalmente temporal, da história urbana litorânea.

Isto posto, o que se vê na representação do sertão nordestino por intermédio da literatura é a construção de um imaginário do sertão, ajustada as muitas realidades, incorporando juízos e concepções histórico-político-geográfico muito diferentes.

3 O sertão em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha

Os Sertões (1902), de Euclides da Cunha, publicado no início do século XX, traz na sua concepção um conceito abstrato de sertão, fundamentado em parte dos seus escritos da viagem a Monte Santo, no interior baiano, durante a expedição que dissipou o Arraial de Canudos, em 1897. Logo, a obra surgiu com o intuito de descrever a narrativa da Campanha de Canudos.

Segundo Albuquerque Júnior (2013), esse romance é um marco na literatura regionalista brasileira, tendo ampla importância na busca das origens do país e esclarece uma visão específica sobre características físicas e psicológicas do povo sertanejo. Euclides, ao afirmar em seu romance que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2000, p. 146), corrobora uma característica psicológica desse tipo nordestino, o qual é ser corajoso e resistente, por enfrentar muitas dificuldades conferidas pelo sertão nordestino, sempre de maneira corajosa, como um guerreiro que luta duras batalhas contra a seca, a fome e a morte. Essa qualidade diverge da aparência física que esse mesmo guerreiro sertanejo exhibe externamente: “A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o oposto. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas” (CUNHA, 2000, p. 146). Euclides garante que o sertanejo tem uma aparência sofrida e torta. Contudo, isso se deve à vida de luta pela sobrevivência, mas que traz consigo a força e o desejo de resistir.

Euclides descreveu o que observou, entretanto, o fez seguindo um modelo de sertão popularizado desde o último quartel do século XIX. O sertão extremamente árido, em parte movido pela nefasta seca de 1877, em parte pela inquietação das elites nordestinas com a decadência de sua região, berço do Brasil nos séculos coloniais.

Toda a construção de tradições e valores auxiliou no desenvolvimento de um imaginário particular, de grandezas, honras, violências heroicas e misticismos no sertão nordestino. Tais características serviram para estereotipar, em alguns momentos, essa região. Desse modo, a ideia de sertão nordestino apoiou-se em uma realidade concreta, entretanto se constituiu de fatores imaginários de dimensões míticas, que serviram para arraigar representações e construir o imaginário sobre essa região.

A representação do sertão nordestino notada em *Os Sertões*, de Euclides, exhibe um solo escarlate, como se dele fizesse parte, integrando-se àquela paisagem. É por intervenção

desse narrador que o pó quente sobe do solo castigado pelo sol incandescente e chega ao leitor:

Quando aquelas lufadas, caindo a súbitas, se compunham com as colunas ascendentes, em remoinhos turbilhonantes, à maneira de minúsculos ciclones, sentia -se, maior, a exsicação do ambiente adusto: cada partícula de areia suspensa do solo gretado e duro irradiava em todos os sentidos, feito um foco calorífico, a surda combustão da terra (CUNHA, 2000, p. 18).

Essas representações ganham forma no imaginário do leitor, fazendo com que, através da narrativa, seja possível vislumbrar imagens, conferindo movimento à cena e permitindo ao leitor o convívio do homem com o seu contexto.

Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, há muito a se debater sobre essa região do país: há *representações* tão múltiplas que não há apenas um sertão, mas vários, conforme o próprio título já apresenta. O próprio Cunha, no capítulo IV, parte 1, intitulado **O sertão é um paraíso**, faz menção a outra visão do sertão, até então não descrito.

E o sertão é um paraíso... Ressurge ao mesmo tempo, a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tigüeras num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo, os queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de sob as asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balsedos [...] (CUNHA, 2000, p. 28).

Inicialmente, Euclides da Cunha enfoca, em *Os Sertões*, a descrição do **sertão**, o lugar onde desenvolve o enredo, assinalando os aspectos da paisagem, desde o relevo, a fauna, a flora e o clima árido. Para ele, a paisagem do lugar, distante do litoral, adverte sobre o uso indevido no decurso de anos.

Embora Euclides descreva as numerosas espécies que constituem a flora do sertão com a perícia de um botânico, é a terra, o sertão, dedicadas as páginas mais intensas e mais pertinentes a essa reflexão. A extensa obra de é dividida em 3 partes principais, as quais são constituídas por diversos capítulos. Assim, na primeira parte, denominada **A Terra**, o autor apresenta uma das muitas representações do sertão.

[...] Verdadeiros oásis, têm, contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizadas em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos mandacarus despidos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada,

recortando-se com destaque no chão poento e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem (CUNHA, 2000, p. 9-10).

O crítico Antonio Candido afirma que Euclides, na parte **A Terra**, retrata o diálogo entre contemplação e construção do romancista com o meio físico. Segundo ele, apoiando-se na geografia real do sertão e fazendo dela “suporte ao universo inventado”: “Aos poucos vemos surgir um universo fictício, à medida que a realidade geográfica é recoberta pela natureza convencional” (CANDIDO, 2006, p. 114). O **sertão** trazido por Euclides é uma terra sombria, de clima árido, da caatinga e do juazeiro. O sertão descrito é um deserto demarcado por vilas paupérrimas e de paisagem seca.

Euclides da Cunha delinea incansavelmente o aspecto da terra e da região do sertão, mas também dedica muitas páginas sobre a descrição do povo sofredor que nele vive. Intitulado **O Sertanejo**, esse capítulo, faz uma afirmação inequívoca e densa de conotações ambientais: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurasténicos do litoral”. As terras do interior são as que forjam os homens melhores, homens como o vaqueiro “forte, esperto, resignado e prático”, para o qual “viver é adaptar-se”. Para o autor, quem vive no sertão aufer a sua imagem e torna-se “bárbaro, impetuoso, abrupto” (CUNHA, 2000, p. 93). Corroborando a ideia de Euclides da Cunha, Antonio Candido afirma que “O sertão os encaminha e desencaminha, propiciando um comportamento adequado à sua rudeza” (CANDIDO, 2006, p. 117).

É possível verificar ainda, que tais representações são reforçadas na segunda parte da obra, intitulada **O Homem**, trazendo uma afirmação precisa e densa de conotações ambientais ao afirmar que “[...] as terras do interior são as que forjam os homens melhores, homens como o vaqueiro forte, esperto, resignado e prático, para o qual “viver é adaptar-se” (CUNHA, 2000, p. 93). Ele assevera, ainda, que quem vive no sertão ganha a sua imagem e torna-se “bárbaro, impetuoso, abrupto”.

Em sua obra, Euclides descreve também as diversas espécies que compõem a flora do sertão com a perícia de um botânico, faz um mapeamento dos locais por onde passa, realiza uma forma de catalogação e apresenta a flora e seus espaços geográficos sob o auxílio de uma minuciosa descrição, o que o torna um tipo de compêndio para entender a visão rígida e estereotipada do sertão nordestino, como abaixo:

[...] arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, cereus rígidos e salientes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de desertos. E o facies daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente [...] (CUNHA, 2000, p. 9).

Euclides da Cunha analisa ainda o clima sob o prisma de outro elemento importante da composição geográfica do sertão: as secas. Para o autor, a questão da seca é explicada por uma regularidade entre seu episódio no século XVIII e no século XIX. A questão, contudo, está bem longe de ser resolvida, pois “apesar desta simplicidade extrema dos resultados imediatos, o problema, que se pode traduzir na fórmula aritmética mais simples, permanece insolúvel” (CUNHA, 2000, p. 42). Ele ainda prossegue nessa mesma investigação e desenvolve uma justificativa central a respeito da gênese das secas: “um dos motivos da seca repousa [...] na disposição topográfica” do sertão (CUNHA, 2000, p. 44).

A maneira como as imagens são descritas em *Os Sertões* permite que o imaginário se revista das cenas narradas, derivando em uma clara aproximação com o que está sendo descrito. Outro exemplo é o juazeiro, que ainda retém em si o antigo verde que banhava a caatinga, permanece como contraste em uma paisagem maltratada pela estação da seca.

Têm o mesmo caráter os juazeiros, que raro perdem as folhas de um verde intenso, adrede modeladas às reações vigorosas da luz. Sucedem-se meses e anos ardentes. Empobrece-se inteiramente o solo aspérrimo. Mas, nessas quadras cruéis, em que as soalheiras se agravam, às vezes, com os incêndios espontaneamente acesos pelas ventanias atritando rijamente os galhos secos e estonados sobre o depauperamento geral da vida, em roda, eles agitam as ramagens virentes, alheios às estações, floridos sempre, salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álares, esbatidas no pardo dos restolhos — à maneira de oásis verdejantes e festivos (CUNHA, 2000, p. 25).

Assim, o juazeiro constitui, em determinadas narrativas recorrentes sobre o fenômeno da seca, um porto seguro de pouso e de revitalização para aqueles que recorrem a sua sombra. Evidentemente, no ambiente marcescível do sertão, o juazeiro é a representação da força e da frequente revitalização, um período mesclado pela alternância entre a estação das chuvas e a das secas; combinações de verde, vermelho e cinza integram a paisagem torrada desse sertão nordestino representado pela arte literária, por intervenção de Euclides da Cunha.

Essa cinesia de representar o Nordeste através do panorama da seca permitiu o “sequestro do sertão pelo Nordeste” como apontado por Albuquerque Júnior (2013). Esse processo se deu porque as características empregadas para se determinar o sertão foram assinaladas na Região Nordeste através da literatura: na perspectiva de quem descrevia uma região precariamente habitada, com escassa agricultura e seca, se torna análoga ao deserto que instituiu a palavra.

Por fim, não se pode negar que a descrição minuciosa da terra, das plantas, do homem e da luta colocou *Os Sertões* no nível da cultura científica e histórica, como afirmou o crítico Antonio Candido:

Livro posto entre a literatura e a Sociologia naturalista. Os sertões assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira” no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior” (CANDIDO, 2006, p.160).

Inferre-se, portanto, que Euclides da Cunha (1866–1909), com *Os Sertões*, a obra mais emblemática do escritor pré-modernista, publicada em 1902, explorou a Geografia, Antropologia, Sociologia e História com o atributo meticuloso, insigne intelectual e com intenções singulares do começo do século XX.

Considerações finais

Percebe-se que analisar e refletir como a representação do sertão nordestino é discursivamente abordada e representada em obras de cunho literário, assim como em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é importante para a configuração da historiografia e da literatura brasileira, como a narrativa está inserida em um contexto sociogeográfico e histórico específico, fato este que auxilia para melhor entender algumas posturas e decisões da época no tocante a interpretar uma versão do conflito a partir de elementos geográficos, históricos e etnológicos, consoante se observa na **Nota Preliminar**.

Vale ressaltar que essa **Nota Preliminar**, é um componente introdutório fundamental da obra, a qual serve como um portal para o mundo do texto. Ela não apenas contextualiza a obra em si, mas também estabelece as bases para a compreensão mais profunda dos temas, ideias e abordagens que serão explorados ao longo da narrativa. Nessa seção inicial, o autor pode fornecer uma variedade de informações essenciais. Isso inclui a motivação por trás da

escrita da obra, o contexto histórico, sociogeográfico e cultural no qual ela está imersa, bem como as questões filosóficas, políticas ou sociais que ele aspira abordar. Por fim, nela, o autor estabelece um diálogo inicial entre o autor e o leitor, criando uma atmosfera de colaboração e compartilhamento de ideias.

Posto isso, verifica-se que o Nordeste é, por norma, pensado no aspecto interiorano e sertanejo, e na literatura não é diferente. Mesmo o sertão nordestino narrado não sendo necessariamente um ambiente muito real, sua representação é uma visão simplista sobre a região. No entanto, ainda que seja ficcional, o espaço criado pela literatura é um mensageiro emblemático para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2013.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BOAVENTURA, Maria César. **Redescobrimo o Sertão**. In: GUIMARÃES, César, (et al). *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Tese e antítese**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 2000. (Biblioteca do Estudante).

CUNHA, Euclides da. **Dois fragmentos**. In: EUCLIDESITE. *Obras de Euclides da Cunha. Dispersos e fragmentos*. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://euclidesite.com.br/obras-de-euclides/dispersos-e-fragmentos/dois-fragmentos/> Acesso em: 10 de maio de 2020. Publicado original e postumamente na *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1918.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos e influências da cana sobre a paisagem do Nordeste do Brasil**. 7ª. Edição, São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. 1ª ed digital. São Paulo: Global, 2013.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Annablume, 2009.

MOTA, Mauro. **Geografia Literária**. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro. 1961.

ⁱ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da UNEB. Atualmente, encontra-se em fase de doutoramento no Programa de Pós-Crítica em Crítica Cultural da UNEB, Campus II, Alagoinhas BA, integrando a Linha 2 Letramentos, Identidades e Formação de Educadores.

Universidade Estadual da Bahia (UNEB)

Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (DLLARTES)

E-mail: brasil.nadja@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1479-2945>

Recebido em 25/09/2022

Avaliado em 03/05/2024



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).